

AMPLIANDO ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM: EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NUMA ESCOLA DE BODYBOARDING EM VILA VELHA – ES

Chirlei de Fátima Rodrigues. Educimat/lfes. Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância, Instituto Federal do Espírito Santo. soyer.chirlei9@gmail.com

Renata Subtil. Educimat/lfes. Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância, Instituto Federal do Espírito Santo. renata.subtiltorres@gmail.com

Manuella Villar Amado. Educimat/lfes. Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância, Instituto Federal do Espírito Santo. manuella@ifes.edu.br

Sidnei Quezada Meireles Leite. Educimat/lfes. Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância, Instituto Federal do Espírito Santo. sidneiquezada@gmail.com

RESUMO

As transformações sofridas pelo meio ambiente, não só em escala local como também global, estimulam a adoção de novas propostas educativas no sentido de levar o indivíduo a analisar, de forma crítica, os componentes socioambientais afetados pela ação antrópica. Nesse sentido a utilização de espaços não vinculados aos padrões estabelecidos socialmente, como as escolas, e considerados por isso como espaços não formais de educação, vem se expandindo, visando ampliar as aprendizagens e fomentar debates promotores de transformação individual que atinjam o ambiente coletivo. Nesse contexto desenvolveu-se uma proposta educativa com uso de compostagem doméstica com os alunos da Escola Ambiental de Bodyboarding de Vila Velha (EAB-Vila Velha). Na ação foram envolvidos alunos que frequentam regularmente a EAB. Com a prática foram abordadas questões socioambientais, éticas, política e culturais. O desenvolvimento das ações transcorreu no espaço utilizado pela própria escola para a prática esportiva de bodyboarding, e em espaço cedido, próximo, para a parte procedimental, com encontros semanais. Tratou-se de uma investigação qualitativa apoiada nos preceitos de uma educação ambiental crítica proposta por Loureiro (2011), e no desenvolvimento de conhecimentos científicos.

Palavras-chave: Compostagem. Educação ambiental. Espaço não formal.

1- INTRODUÇÃO

As questões ligadas ao meio ambiente são conceituadas de forma a serem tomadas como verdade absoluta por indivíduos que podem não fazer parte da realidade ilustrada. Na maioria das vezes a temática é associada somente ao meio natural, biológico, selvagem e de uma forma totalmente naturalista. Carvalho (2004) vem nos apontando para a necessidade de “trocar as lentes” a fim de explorar e exercitar uma nova visão de mundo, sem dissociar a natureza da sociedade. Nessa perspectiva a natureza possui característica equilibrada e estável entre as relações ecológicas, onde, uma interação com os humanos, torna-se uma relação problemática, resumindo-se em uma visão naturalista. A relação a ser enxergada por todos é a socioambiental, onde a interação entre o ser humano e a natureza é algo evolutivo, de onde viemos, fazemos parte e há necessidade de uma troca interativa entre ambos, até porque o homem é a parte de um todo que compõe o mundo.

Trabalhando a Educação Ambiental (EA) de forma crítica, segundo Loureiro e Torres (2014), o indivíduo se transforma no autor de sua própria realidade, conscientizando-se de sua transformação como sujeito, a partir de suas ações frente às relações sociais, culturais e naturais. Por esta ótica o sujeito se torna ativo nas questões socioculturais e socioambientais de sua vida.

Existem alternativas simples que viabilizam trazer a educação ambiental para o nosso cotidiano e fazer com que criemos um hábito a ser gerido em vários segmentos da vida, seja no pessoal, profissional, escolar, etc. fomentando, de acordo com Carvalho e Lima (2010), as mudanças comportamentais referentes às ações que dependem de uma orientação significativa, ou não haveria sentido nos conhecimentos ou valores implantados.

1.1. A Escola Ambiental de Bodyboarding - Espaço de educação não formal para uma Educação Ambiental Crítica

Criada no ano de 2005, a Escola Ambiental de Bodyboarding (EAB) trouxe uma proposta socioambiental a partir da prática do esporte. Nessa perspectiva o projeto visa abordar questões ambientais locais e globais, com vistas ao desenvolvimento de cidadãos conscientes de sua responsabilidade, usando o esporte como uma ferramenta de inserção e formação de cidadania. Ao considerar o potencial educador da EAB, como espaço de educação não formal, foi desenvolvida uma prática de produção de adubo a partir da compostagem, com a participação dos alunos da escola. As definições de espaços de educação não formal se expandem para diversas diferenciações no processo educativo dos indivíduos.

“ Onde se educa? Qual é o espaço físico territorial onde transcorrem os atos e os processos educativos? Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). ” (GOHN, 2010, P.17)

Complementando as ideias da autora, que afirma existir intencionalidade na educação não formal, ainda que o espaço a disseminar a ação educativa não se enquadre nos padrões institucionais, até porque normalmente são locais informais, o mesmo possui um aspecto relevante no processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos. Embora não haja a figura de um professor, e sim um educador social, o grande diferencial é a aprendizagem de ambos a partir das trocas de interação de um com o outro. O grande objetivo da educação não formal é transformar o indivíduo em cidadão do mundo, a partir de sua interação com as relações sociais, fomentando igualdade e justiça social.

A EAB, localizada na Praia de Itaparica, Vila Velha – ES, há mais de 10 anos, ilustra de forma bem autêntica e em conformidade com as denominações apresentadas pela autora, um tipo de educação que se desenvolve no ambiente fora do âmbito escolar e com a intenção de formação socioambiental crítica através da prática esportiva. Devido ao contexto em que se encontra inserida, a escola tem um papel importante com projeto que envolve, dentre outras práticas: a) a recuperação da vegetação de restinga a partir do plantio de mudas, inspirada na degradação resultante da urbanização próxima à zona costeira; b) Limpeza anual da ilha das garças, localizada a 800 metros da costa; c) Limpeza da areia e restinga; d) Confecção de placas sinalizadoras com frases de incentivo à preservação e cuidado com a fauna e flora do local; e) desenvolvimento de compostagem doméstica para reutilização dos resíduos orgânicos gerados pela EAB, para produção de adubo e fertilizante.

Considerando as definições de Loureiro (2011), de uma prática social que busca a problematização da realidade para propiciar uma transformação dos valores e atitudes frente a sociedade e vida pública e, diante das práticas desenvolvidas pela EAB, acreditamos que nesse espaço se desenvolve uma educação ambiental crítica. Nesse sentido, destacamos a atividade “e)” mencionada acima, onde foi desenvolvida a compostagem doméstica, que representou uma prática concreta que parte de uma realidade vivenciada pelos alunos, na busca de uma transformação de valores e atitudes.

Sobre a evolução da Educação Ambiental na questão de instrumentalização, Máximo-Esteves (1998) destaca três processos educativos, sendo eles: a **valorização de conhecimentos** através do desenvolvimento individual frente a uma prática social, resultando num cidadão pleno de sua ética ambiental; o **ambiente como recurso educativo**, utilizando o próprio ambiente de forma a contribuir com sua aquisição de conhecimentos e o **desenvolvimento da visão holística do indivíduo**, onde a postura diante das problemáticas enfrenta-

das no cotidiano recebem uma ótica e uma participação ativa. Entretanto, Loureiro (2011) afirma que, estimular os alunos a assumirem uma postura significativa, depende do engajamento de educadores ambientais comprometidos com uma postura crítica e autocrítica, através de propostas educativas.

1.2. Compostagem como Prática Educativa

Na obra LIXO MUNICIPAL - MANUAL DE GERENCIAMENTO INTEGRADO (2018), o lixo é definido como “[...] restos das atividades humanas, considerados pelos geradores como inúteis, indesejáveis, ou descartáveis”. O trabalho com resíduos orgânicos num processo de compostagem desmistifica a questão do lixo como inutilidade dentro do contexto da produção de resíduos no geral, uma vez que, através da prática é possível valorizar e dar um destino a cascas de frutas, legumes, verduras e toda matéria orgânica que seria descartada. A compostagem doméstica, também denominada “compostagem de jardim”, utilizada tanto em residência quanto em práticas educativas, permite obter como resultado final uma fonte de nutriente e fertilizante para as plantas. O desenvolvimento do processo da compostagem amplia a aprendizagem uma vez que remete aos conhecimentos científicos e ao mesmo tempo possibilita a integração do indivíduo numa posição ativa e crítica. Na visão de Loureiro (2011), a prática constitui um exemplo de ação educativa. Ainda de acordo com o autor, esse tipo de ação possui o potencial de transformar a mudança que seria individual para uma ação resultando na mudança comunitária, modificando uma visão que seria de uma transformação pessoal a uma perspectiva mais planetária da vida.

2- PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa se desenvolveu na Escola Ambiental de Bodyboarding, no período de 24/02/2018 até a presente data. Localizada na praia de Coqueiral de

Itaparica, Vila Velha – ES. Antes de iniciar a prática da compostagem doméstica foi realizada uma roda de conversa na praia, (fig. 1) onde normalmente acontecem as aulas, com o propósito de abordar assuntos como “o que fazemos com o nosso lixo?” Sendo também abordados assuntos como a poluição gerada pelo lixo que não tratamos e etc. Com a intenção de fomentar a identificação de ações corriqueiras que se enquadram como atitudes positivas para uma educação ambiental, onde normalmente não são reconhecidas como tal. Foram destacados como exemplos de ações sustentáveis a reutilização da água liberada pela máquina de lavar após a lavagem de roupas, o controle da torneira/chuveiro durante o uso, descarte do lixo em pontos de coleta no dia estabelecido pela prefeitura, e a confecção da compostagem caseira para reutilização de materiais orgânicos produzidos pelos indivíduos. A EAB não possui uma estrutura física e as aulas ocorrerem sempre na praia, portanto foi utilizado o espaço de um restaurante desativado bem próximo da escola, dessa forma as composteiras ficam protegidas da ação do tempo. Além das aulas expositivas e práticas na praia, disponibilizamos o material de montagem da composteira doméstica na página de rede social (Instagram) da EAB, possibilitando o acesso não só dos alunos, mas a todos que acompanham os trabalhos de educação ambiental e todas as atividades realizadas pelo projeto.

Procedimento: A estrutura que compõe a composteira caseira e a utilidade de cada segmento foi apresentado aos participantes. Os baldes foram comprados numa sorveteria no valor de R\$ 3,00 cada, sendo feita a lavagem para retirada dos resíduos que compõe o sorvete. Os furos foram feitos com uma furadeira pela professora, levando os baldes prontos para montagem.

Desenvolvimento das ações (Figuras 1 e 2)



Fonte: própria



Fonte: própria

Os baldes foram identificados na seguinte ordem, de baixo pra cima: o balde 1 é responsável pelo acúmulo do chorume decorrente da ação da decomposição da matéria orgânica dispostos nos baldes 2 e 3. Os baldes 2 e 3 tem a função de repousar a matéria orgânica para resultar no adubo. É importante destacar a necessidade dos baldes serem interligados por furos, para que o chorume das caixas 2 e 3 escorram para o balde 1, responsável por essa coleta, e também porque o processo de decomposição necessita de oxigenação, sendo um processo aeróbico.

Os alunos ficaram responsáveis pela segregação dos resíduos gerados pela EAB após o encerramento de cada aula. Os resíduos orgânicos e não orgânicos são separados, sendo feita a trituração das cascas de frutas recolhidas e depositadas na composteira. Após a trituração, o material orgânico é misturado com terra e coberto com folhas secas recolhidas na restinga. O período de descanso entre um depósito de material orgânico e outro é de uma semana, possibilitando um trabalho de decomposição mais significativo.

3- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O desenvolvimento de um processo educativo na perspectiva de educação ambiental crítica em espaços não formais como a EAB potencializa a formação do cidadão emancipado e autônomo. Sobre autonomia Gohn (2010) afirma ser essa capaz de transformar um cidadão para ser e agir em seu meio, capacitando-o com uma visão holística a partir da realidade local vivenciada, para assim compreender questões globais em geral. A autora ainda destaca como resultado a inserção social, busca de entendimentos no ramo da política, cultura, economia e ética na globalização.

A vivência dos alunos no processo de produção do adubo através da compostagem caseira possibilitou uma prática frente à educação ambiental abordada diariamente na EAB. Ficou evidente a tomada de consciência da importância de uma simples atitude, com poucos recursos frente à realidade que costumamos encontrar, mas fazendo-os refletir sobre a viabilidade de transformar ações mínimas em reflexos significativos na vida dos envolvidos.

Desde a implementação da compostagem foram gerados aproximadamente 2 litros de chorume e 24 litros de adubo orgânico. A reação das crianças geralmente é de encantamento por presenciar a transformação desde o início do processo até os resultados finais. Diante do relato de uma aluna que afirmou ter encontrado uma solução para o descarte correto dos restos de

alimentos utilizados pela mesma, fica evidente a evolução da educação ambiental almejada, consolidada e instrumentalizada no processo de valorização de conhecimento e desenvolvimento da visão holística do indivíduo, como descreve Máximo-Esteves (1998).

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática adotada na Escola Ambiental de Bodyboarding (EAB) evidencia a importância da mediação do professor em propostas educativas. A organização adequada das tarefas fortalece o trabalho colaborativo, facilitando assim o processo de construção do conhecimento individual e coletivo. O debate constante das questões relacionadas às ações humanas que interferem no meio ambiente e as possibilidades levantadas de agir de forma crítica na realidade promoveu transformações individuais nos alunos, fomentando a possibilidade de refletir de forma coletiva no contexto ao qual estão inseridos. Portanto, conclui-se que a educação ambiental crítica se constitui em práticas pedagógicas que necessariamente não acontecem apenas em ambientes formais para a sua concretização, sendo favorecida pela mediação do professor e pelo engajamento dos alunos nas práticas adotadas.

5- REFERÊNCIAS

BARRETO, A. **Compostagem no Jardim. Naturlink a ligação a natureza.**

Disponível em em:

http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=59&cid=6980&bl=1&viewall=true#Go_1

>. Acesso em: 27 abril de 2018.

CARVALHO, S. e LIMA, N. **Compostagem Doméstica em Educação**

Ambiental: Potencial de uma Abordagem Holística. Captar ciência e ambiente para todos. Vol. 2, nº 2, p. 40-54. ,2010

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2004.

CEMPRE. **Lixo Municipal: Manual de Gerenciamento integrado. 4ª Ed.** São Paulo: IPT. 2018. 316 p.:il;11.264 kbytes.

DIAZ, A (1995). **La educación ambiental como proyecto.** Editorial Horsori, Barcelona, 199 pp.

GOHN, M.G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

LOUREIRO, C. F. B., LAYRARQUES, P. P. e CASTRO, R. S. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOUREIRO, C. F. B. e TORRES, J. R. **Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire.** 1.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MÁXIMO-ESTEVES, L (1998). **Da Teoria à Prática - Educação Ambiental com as Crianças Pequenas ou o Fio da História.** Porto Editora, Porto, 176 pp.